

«Um livro que equilibra  
emoções fortes com  
muita tensão e alegria.»

*USA Today*

# Com o foco em Ti



JESSICA  
JOYCE

TOP  
SEL  
LER

*Avó, recebi todos os teus sinais de que estavas comigo  
enquanto escrevia isto. Amo-te para lá do para sempre.*

# Um

Quando acordo, tenho dois milhões de visualizações.

Nem reparo logo. De olhos fechados, a minha mão atravessa o circuito de obstáculos formado por copos, embalagens de comida e batons do cieiro na mesinha de cabeceira até encontrar o meu telemóvel. Só quero saber que horas são.

Ou talvez não. A julgar pela luminosidade que atravessa as minhas pálpebras cerradas, é vergonhosamente tarde.

Os meus dedos encontram o cabo do carregador e arrasto o telemóvel pela mesinha de cabeceira, derrubando os batons como se se tratasse de pinos de *bowling*.

Não quero saber. A Noelle do futuro logo resolve essa confusão.

Finalmente, alcanço o troféu e ilumino o ecrã. Mas, em vez de se focarem nas horas, os meus olhos turvos prendem-se na avalanche de notificações do TikTok. Mesmo enquanto pestanejo perante o número astronómico, este continua a crescer: mais cinco, mais dezassete, mais quarenta e duas.

— Mas que raio? — questiono-me.

Depois, lembro-me: o meu vídeo.

Perco a força, que já não era muita, e o telemóvel cai-me na cara.

A porta abre-se de rompante, em resposta ao meu grito de dor. De lágrimas nos olhos, consigo vislumbrar o que parece ser a minha mãe.

— Noelle, o que foi?

Se isto fosse uma comédia, seria neste momento que a imagem iria parar: mostrando-me, com 28 anos, a rebolar na minha cama de infância, cegada por um acidente com o *iPhone* depois de ter viralizado numa rede social destinada a adolescentes.

A única coisa que não me faz querer morrer por dentro é a quantidade de pessoas que viram o vídeo. O meu coração salta um batimento. Talvez até a *pessoa certa* o tenha visto.

Sento-me de repente, com os dedos a pressionar o osso orbital dorido enquanto procuro o telemóvel. À porta, a minha mãe observa tudo com perplexidade, vestida com roupa de exercício em vez de um fato. Deve ser sábado.

— Estás bem? — Olhos castanhos como os meus deslizam para a bicicleta no canto do quarto. Na parede, um letreiro de néon diz SÊ INCRÍVEL.

Percebo que está mortinha por ligá-lo. Quem me dera poder arrancá-lo dali. Não há nada como acordar todas as manhãs e deparar com positivismo agressivo quando sou uma adulta que teve de voltar a viver em casa dos pais depois de ser despedida de um emprego de que nem sequer gostava.

— Sim, mãe, estou ótima. — Solto um suspiro e sinto a chegada de uma dor de cabeça. — Só deixei o telemóvel cair na minha cara.

— Lamento, filha. Já que estás acordada, vou aproveitar para usar a bicicleta só um instante.

Ela diz tudo isto num só fôlego, já perto da bicicleta com as suas sapatilhas especiais e muito barulhentas na mão. Não tenho dedos suficientes para contar a quantidade de vezes que o barulho dos seus passos no chão de madeira já me acordou nestes quatro meses. Mas ela não tem culpa de ter transformado o meu antigo quarto num altar para a bicicleta de dois mil dólares. Nenhuma de nós esperava que eu voltasse.

— Faz o que tens a fazer. — Volto a enroscar-me nas mantas e abro o TikTok, com o coração acelerado.

Ali está o número de visualizações do meu último vídeo, postado há apenas uma semana: 2,3 milhões. Tem mais de 400 mil gostos e 1600 comentários.

*Uau!*

Que raio aconteceu? Quando adormeci ontem, às nove horas, tinha apenas oito gostos. E uns esmagadores zero comentários.

As minhas expectativas estavam baixas, mas deviam estar ainda mais baixas. Criei a conta em setembro passado, num capricho do aborrecimento, e comecei a publicar o meu trabalho depois de ver outras contas de fotografia a ter sucesso, apesar de ninguém querer saber da minha.

Mas a esperança começa com uma semente, certo? Pelo menos era isso que a minha avó costumava dizer-me com um piscar de olho.

Guardo todos os conselhos que me deu para quando preciso deles, o que acontecia frequentemente antes da sua morte e quase a toda a hora agora que partiu. Ela foi uma constante na minha vida desde o início, era a pessoa a quem eu recorria sempre que algo acontecia, quer fosse bom ou mau. Não é muito normal chamar aos avós melhores amigos, mas a minha avó foi a minha desde que aprendi o que era um melhor amigo.

Depois de ela morrer, demorei dois meses a conseguir não chorar assim que via uma fotografia sua. Tenho uma mensagem de voz dela a cantar-me os parabéns que não consigo ouvir, mesmo passados seis meses.

Mas este vídeo, que tem agora dois milhões de visualizações, é tanto uma carta de amor para ela quanto uma pergunta ao Universo. Ou um pedido.

Quando descobres que a tua avó teve um amor secreto quando tinha 20 anos, queres saber mais. E quando ela já não está por perto para responder às inúmeras perguntas que surgiram assim que tiraste as fotografias de dentro do envelope antigo, que estava na caixa que trouxeste do canto poirento da sua garagem? Bem, tens de encontrar outra forma.

A primeira opção foi o meu pai. Perguntei-lhe se ele sabia alguma coisa sobre a vida amorosa da avó, nada muito específico. Tinha de ter cuidado: se ele não soubesse sobre a relação, podia ficar abalado. O seu luto ainda era tão cru quanto o meu.

«Para ela, só existia o avô, e, para ele, a avó. Ela estava sempre a falar sobre como ele era o seu grande amor», disse-me.

A relação dos seus pais sempre havia sido motivo de orgulho. A sua história de amor fez com que as expectativas dele estivessem altíssimas e que se tornasse um romântico incurável, e essas expectativas foram passadas entre gerações. «Se não for como a avó e o avô Joe, não queremos» já era uma piada de longa data na nossa família.

Os olhos dele semicerraram-se com curiosidade, talvez suspeita, perante o silêncio que se seguiu.

«De onde veio essa pergunta?»

«De lado nenhum», respondi enquanto uma fotografia dela com outro homem queimava um buraco no bolso de trás das minhas calças.

Portanto, o meu pai não sabia de nada. E, se ele não sabia, mais ninguém na família saberia, ou ter-lhe-iam contado.

Já tinha passado tempo suficiente no TikTok para saber que era inútil e transformador em partes iguais: danças coreografadas sem piada misturadas com vídeos de reencontros que me fazem ensopear a almofada com lágrimas às duas da manhã. Se eu publicasse a informação que encontrei e a apresentasse de forma apelativa, havia a probabilidade de alguém a ver. Havia a probabilidade de alguém *saber alguma coisa*.

Talvez soubessem algo sobre as fotografias e a única carta que a avó escondeu durante sessenta anos. Talvez conhecessem o bonito homem chamado Paul que aparece nas fotografias, com cabelo escuro, ondulado e uma covinha. O seu nome estava escrito na parte de trás das fotografias numa versão mais firme da caligrafia cheia de floreos da avó, juntamente com os anos: 1956 e 1957.

Ela casou-se com o avô Joe em 1959, após um romance repentino. Conheço a história deles de cor, a avó adorava contar-ma. Mas ela nunca mencionou o nome do Paul, nem uma única vez, o que é estranho. Nós jogávamos constantemente um jogo a que chamávamos Conta-me Um Segredo. Sempre lhe contei os meus, e ela, os dela.

Ou era o que eu pensava.

Antes de reunir a coragem para ler os comentários e confirmar se a minha resposta lá está, decido rever o vídeo.

Clico no ecrã com o polegar e ele começa, tocando a música dos Lord Huron que escolhi para maximizar o apelo sentimental. O texto que adicionei sobrepõe-se a cada fotografia que mostro à câmara, o verniz verde-menta lascado do meu polegar a contrastar com o preto-e-branco das fotografias.

Dói um pouco ver o seu rosto, que, na juventude, se parecia tanto com o meu. A arquitetura das nossas características é a mesma, as pessoas sempre nos disseram isso. Gémeas separadas por cerca de cinquenta anos. Almas gémeas nascidas em décadas diferentes.

Na primeira fotografia, a avó e o Paul estão em frente a uma casa que não reconheço. O texto no ecrã diz: A minha avó morreu recentemente. Encontrei estas fotografias dela com um homem que nunca conheci.

Depois, aparecem na praia, ela a olhar para o Paul com um sorriso sedutor: A única informação que tenho é que se chama Paul e que se conheceram em Glenlake, na Califórnia, por volta de 1956.

A seguir, estão abraçados, a bochecha dela encostada ao peito dele, de olhos fechados: O nome dela é Kathleen e penso que tinha 20 anos nestas fotografias.

A última fotografia é do Paul sentado numa mesa de piquenique, o queixo apoiado na mão, olhando para a câmara de uma forma que dá a entender quem estava por trás dela: Sei que é improvável, mas, se alguém o reconhecer, por favor, entre em contacto. A minha avó



nunca falou dele, mas parece ser importante. Queria muito conhecer a história deles.

Há um fio condutor entre cada fotografia: eles estão sempre a entreolhar-se e a sorrir. Frequentemente nos braços um do outro. Em várias fotografias, a avó fita o Paul com corações no olhar.

E o coração dele claramente pertencia-lhe. Se eu não o soubesse pela forma como ele olhava para ela, a carta que lhe escreveu dizia-o em voz alta.

Empurro o cobertor para trás para confirmar que a minha mãe ainda está ocupada. Suor escorre-lhe pela cara, completamente focada no ecrã à sua frente. Nem se apercebe de que ainda ali estou.

Perfeito. Tiro a carta que guardo debaixo da outra almofada, alisando uma dobra com o polegar.

*1 de julho de 1957*

*Querida Kat,*

*Percebo o porquê de não nos podermos casar em segredo. Compreendo completamente. Só quero que estejas bem.*

*O fim da nossa relação não significa que não te irei amar até ao fim da minha vida. Não sei se isso ajuda ou magoa. A única coisa que peço é que te lembres do que prometemos um ao outro: nunca esquecer o tempo que passámos juntos e lembrá-lo com felicidade.*

*Eu prometi-te que iria ficar tudo bem, lembras-te? E assim será.*

*Sempre teu,*

*Paul*

Posso afirmar com toda a certeza que nunca ninguém me amou assim. Porque é que ela lhe disse adeus?



Eu nunca mostrei a minha cara ou voz em nenhuma das publicações. Até o meu nome de utilizador é anónimo, apenas *utilizador* e uma mistura de números. Mas agora a cara da avó e do Paul estão lá, 2,3 milhões de pessoas já os viram e não me sinto mal por isso. A minha avó amou este homem, mas já não lhe posso perguntar nada. Não pode ser ela a contar-me este segredo.

Portanto, se o Paul ainda estiver vivo, espero que possa contar-mo por ela.

Guardo a carta de volta no seu esconderijo, deito-me de costas e pego no telemóvel para mergulhar nos comentários.

Mas antes de conseguir lá chegar, o cobertor é puxado de cima de mim de forma abrupta. Pela segunda vez hoje, deixo cair o telemóvel na cara.

— Caraças! — grito, tapando a cara com as mãos. Esperneio até atingir alguém.

— Caraças para ti também! — resmungo a mesma voz familiar. — Acertaste-me em cheio nos tomates!

— Assim não consigo ouvir as instruções do Cody! — reclama a minha mãe por cima dos gritos do instrutor e da sua respiração que faz lembrar as aulas de preparação para o parto.

Destapo a cabeça e encontro o meu irmão mais novo, Thomas, dobrado sobre si próprio, com a testa pousada na minha cama e as mãos entre as pernas. Também a respiração dele faz lembrar as aulas de preparação para o parto.

No meio daquela confusão toda, a cabeça loira do meu pai espreita pela porta com um sorriso radiante na cara.

— Alguém quer ovos Benedict? Como o Thomas está cá, pensei que podíamos fazer um *brunch*.

Puxo o cobertor amassado de baixo da cabeça do Thomas, voltando a estendê-lo novo por cima das minhas pernas.

— Eu gostava era que toda a gente saísse do meu quarto. Lembram-se da minha regra de que ninguém deve aqui estar quando estou sem calças?

— Eu estou quase a terminar — ofega a minha mãe. — Estou prestes a bater o meu recorde.

O Thomas resmunga.

Meu Deus, concordo. Mantenho um olho no telemóvel enquanto uma série de notificações aparece no ecrã. Estou mortinha por abri-las, mas não me atrevo a fazê-lo num quarto cheio de Shepards que não sabem sobre nada disto.

O Thomas recupera, os seus olhos verde-água aguçam-se com curiosidade quando vê o meu ecrã ligado. Olhar para ele é como ver-me ao espelho, tirando os onze meses que nos separam. Temos o mesmo cabelo loiro como mel e sobrancelhas escuras, mas os meus olhos são da cor de grãos de café.

Ele acena com o queixo em direção ao meu telemóvel.

— O que se passa?

Viro-o ao contrário.

— Nada.

— Estás a arrasar no Tinder, Beans? — Ele sorri. — És um bom partido.

O meu pai já desapareceu para ir tratar dos ovos Benedict, e a minha mãe está ocupada a celebrar o final da sua corrida, juntamente com o novo recorde pessoal. Eu arrisco e faço-lhe dois pires.

— Parem quietos, vocês os dois — diz a minha mãe, ofegante.

O Thomas ri-se e sai porta fora. Se eu não tivesse dores crónicas nas costas, iria jurar que tinha novamente 15 anos. Estar nesta casa faz com que ambos regridamos.

A minha mãe salta da bicicleta, um sorriso entusiasmado na cara, e puxa o fio que liga o letreiro que diz *sê INCRÍVEL* atrás dela. Ele apenas é ligado quando ela sente que é merecido. Este ilumina-se, a luz rosa tornando a cara dela ainda mais vermelha.

O seu cabelo escuro está húmido em torno do rabo de cavalo e o seu olhar suaviza-se quando encontra o meu. Está sempre a acontecer, ultimamente.

— Estás bem? — pergunta, e não é propriamente superficial, mas ambas sabemos que não estou.

Ainda assim, replico com facilidade:

— Sim.

O seu suspiro silencioso indica que não acredita em mim. É justo. Eu também não.

— Bem, são onze horas, talvez queiras sair da cama?

Seria ótimo, de facto.



Os comentários por ler sussurram-me com urgência durante todo o brunch. Devoro os ovos que o meu pai fez tão rapidamente que quase me engasgo.

Era só isso que me faltava, morte por *bacon* canadiano.

Sinto-me tentada a pegar no telemóvel pelo menos um milhão de vezes, mas isso iria provocar perguntas às quais não estou preparada para responder. Regra geral, a minha família já é intronada. Desde que voltei para casa, parecem helicópteros, claramente preocupados com a possibilidade de eu receber um e-mail de rejeição de emprego que me faça perder a cabeça.

Termino o pequeno-almoço em tempo recorde, pousando o garfo como se fosse a vencedora de uma competição de comer ovos Benedict em que mais ninguém participou.

— Já acabei, até já.

— Então, tens planos? — pergunta o Thomas por cima do ruído feito pelo arrastar da minha cadeira e com a boca cheia de comida.

— Então, interessa-te? — riposto.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Acabei de chegar e já te estás a livrar de mim?

— Tom, tu foges da cidade sempre que a Sadie faz planos que não te incluem. Tenho a certeza de que te irei ver daqui a poucos dias.

— Eu não *fujo* — murmura ele, ainda que a sua expressão suavize à menção da sua namorada de longa data e minha melhor amiga. Essa suavização dá lugar à malícia quando ele tira uma revista do colo, aberta numa página específica. — Não tivemos tempo para falar sobre isto.

— Sobre o quê, o facto de a *Maxim* ainda existir ou de tu teres uma subscri...

Apercebo-me daquilo que estou a ver e arrebatado a revista das suas mãos com um arquejo de surpresa.

Ele recosta-se na cadeira, sorrindo.

— O teu menino Theo Spencer faz parte dos 30 *Under 30* da *Forbes*. Resfolego.

— O *meu* menino? Tu é que tinhas um fraquinho por ele no secundário. Para mim, ele era só irritante. E fazia-o de propósito.

— Se tu o dizes — replica com um ar convencido.

Ignoro-o a ele e aos dois homens que ladeiam o Theo, focando-me no rosto que me irrita há anos. Aquele cabelo escuro ondulado, a pequena covinha que aparece quando sorri. Aqueles olhos azuis sombreados por sobranceiras severas que se curvam em atrevimento com uma regularidade enfurecedora. Pelo menos, faziam-no quando o vi pela última vez, há anos.

Podemos ter sido eleitos como aqueles com maior probabilidade de sucesso no secundário, mas os nossos caminhos divergiram dramaticamente quando fomos para a universidade.

Obviamente. O homem está na *Forbes*, e eu estou num pijama do SpongeBob. Não sei o que é mais irritante: a sua mais recente distinção ou o facto de continuar a ser muito atraente.

— Que bom para ele — declaro num tom que, pelo levantar de sobranceiras da minha mãe, deixa transparecer: *Ele que se lixe*. Atiro a revista ao Thomas e sorrio triunfantemente quando lhe acerta na cara.

O resfôlego do Thomas ecoa enquanto dou um beijo na bochecha áspera do meu pai em agradecimento pela refeição.

Escapo-me dali, usando a minha irritação como combustível para correr até ao quintal. Mais especificamente, para a cama de rede no canto mais afastado, onde posso mergulhar nos comentários sem interrupções.

Esquecendo o Theo, a sua cara perfeita e a sua existência de Midas, abro a aplicação.

No esquema geral das coisas, nada disto importa. Tive uma infância perfeita. Tive pais e avós que me amaram, que foram às minhas milhentas atividades extracurriculares, que achavam que o Sol girava em torno de mim e do Thomas, assim como dos nossos primos. O avô Joe era um homem carinhoso com um riso estrondoso, que costumava puxar-me o lábio inferior quando eu fazia beicinho só para que eu voltasse a sorrir. O facto de a avó ter amado outro homem quando era jovem não muda nada na minha vida.

Mas, agora que ela já cá não está, estou desejosa de conhecer esta história. Ela claramente encontrou o caminho para a verdadeira felicidade. Como?

Não sei a que se parece a minha verdadeira felicidade nem como alcançá-la. Ou se existe sequer. Sem a avó aqui para me dizer que tudo vai ficar bem, e depois dos percalços que me afastaram do caminho dos que teriam maior probabilidade de sucesso, sinto que nunca a vou encontrar. Quem me dera que ela pudesse dizer-me *qualquer coisa*.

Há cerca de dois mil comentários, mas os mais populares estão no topo. Os meus olhos varrem os primeiros cinco, quase desesperadamente, como se estivesse à procura do resultado de um exame de vida ou morte.

Duas coisas acontecem.

A primeira: sustenho a respiração quando vejo um comentário de apenas cinco palavras.

E a segunda: o Thomas aparece de repente, gritando:

— APANHEI-TE!

Assusto-me, gritando quando a cama de rede oscila e me atira para a relva.

Mas li o comentário antes de cair, e o aperto no estômago que me deu foi pior do que a queda.

**User34035872:** esse é o meu avô.

# Dois

— Foste tu que fizeste isto?

Sento-me ao lado do Thomas na borda da minha cama. Depois do que aconteceu lá fora, ele exigiu saber o que se estava a passar. Viemos para cima para podermos falar em privado. Agora, tenho a pilha de fotografias na mão e a carta do Paul está aberta em cima do edredão.

— Pela quinta vez, sim, fui eu.

O olhar do Thomas deixa o meu telemóvel, as suas sobrancelhas erguidas.

— Antes de mais, isto está incrivelmente bem feito.

Eu suspiro.

Ele estende a mão para ajustar o saco de ervilhas congeladas que tenho encostado à cabeça.

— A sério, isto está ótimo, Beans. A empresa fez-te um favor ao despedir-te. — Ele inclina a cabeça, tocando no ecrã do telemóvel. — Mas já sabemos que não estás a dar uso ao teu verdadeiro talento.

Bato-lhe na mão, ignorando o comentário bem-intencionado. A fotografia está em segundo plano indefinidamente.

— O registo de dados é o verdadeiro talento de poucas pessoas. E *se fosse* o meu, pedia-te que voltasses atrás no tempo até àquele dia em que quase me afogaste na piscina da avó para poderes acabar o que começaste.



— Eu tinha 7 anos — responde defensivamente. — Foi um acidente.

— Tudo pode ser propositado se tentares o suficiente.

— Está bem, vamos lá concentrar-nos. — Ele mexe distraidamente na argola fina e dourada que tem no nariz. — A avó tinha mesmo um amante?

— Não era um amante. Ela deve ter estado com ele antes de namorar com o avô, e claramente era importante para ela. Eles iam casar em segredo, por amor de Deus. A carta dá a entender que ela era o amor da vida dele!

O Thomas pega na carta, analisando-a, e depois vê as fotografias. Observo a sua expressão a alterar-se, passando de curiosa a surpreendida a algo mais sério. O seu polegar traceja a cara sorridente da avó, e ele engole em seco quando a pausa e pega de novo na carta.

— Onde é que encontraste tudo isto?

— Estava numa das caixas na garagem da avó. O pai trouxe umas quantas, lembra-te?

— Sim, as caixas em que tens estado a vasculhar.

Dou-lhe uma cotovelada. Ele dá-me uma ainda mais forte, fazendo com que eu deixe cair as ervilhas.

Mas não está errado. Tenho passado os últimos meses a mexer nas caixas que o meu pai trouxe para casa quando ele e os meus três tios foram limpar a casa da avó. Ele voltou dessa tarefa com os olhos vermelhos e calado, pôs as caixas na garagem e nunca mais lhes tocou.

Além da sua afirmação de que a avó só tinha olhos para o avô Joe, é por isso que sei que ele nunca viu nada disto. A carta e as fotografias estavam no fundo de uma caixa, dentro de um envelope. Um envelope *selado*. Muito suspeito, não? No que toca à curiosidade insaciável, eu saí ao meu pai.

Ou talvez ambos saíamos à avó. O nosso jogo do Conta-me Um Segredo começou assim que eu cheguei à idade em que podia ter algum. Trocávamos segredos como se fosse dinheiro, uma troca

sempre justa. Os meus começaram pequenos e inconsequentes, crescendo à medida que eu crescia também. Falava com ela sobre relações, ansiedades, problemas escolares e, mais tarde, sobre a dificuldade que sentia em ajustar-me à desilusão desorientadora que é a vida adulta. Ela acabava por saber tudo: era a minha guardiã de segredos, o meu diário vivo.

Visto que o nosso jogo se tornou mais sério quando me tornei adulta, o Paul deveria ter surgido como tema de conversa. Sou a única que sabe que ela e o avô Joe passaram por uma fase difícil nos anos oitenta, que os «recados» que eles, por vezes, faziam não passavam de uma desculpa para poderem ser atrevidos no carro. Ela sabia *todos* os detalhes sórdidos sobre as minhas relações. Porque é que eu não sabia que este homem existia? Será que ela não me queria dizer a mim, especificamente, ou seria algo sobre a história propriamente dita que a manteve em silêncio? De qualquer forma, dói. É uma pequena traição às regras do nosso jogo.

Se existe um motivo pelo qual ela se conteve, eu preciso de o saber.

Tiro o meu telemóvel das mãos do Thomas, descendo até ao comentário que ainda faz o meu coração bater como as asas de um beija-flor.

esse é o meu avô.

Dezenas de respostas surgem abaixo, uma cascata de «MEU DEUS» e «VAI ACONTECER».

A grande questão é: o que vai acontecer, exatamente? Esta pessoa pode estar a mentir. Pode estar a dizer a verdade, mas o Paul pode recusar-se a falar comigo. Ele pode não se lembrar de nada. O Utilizador34035872 pode ter dificuldade em distinguir os verbos no passado e no presente e o Paul pode já ter morrido.

O Thomas pousa o queixo no meu ombro.

— O que vais fazer?

No entanto, na sua voz não há qualquer dúvida, porque ele conhece-me. Ele também faria o mesmo. Somos quase idênticos, se ignorarmos os seus olhos estupidamente bonitos e a sua propensão para ser um otário. Temos uma enorme tendência para a impulsividade, um espírito competitivo a um nível quase homicida e uma atitude otimista de *não faz mal!* que acaba por nos ajudar quando decisões precipitadas dão para o torto.

Eu toco no nome de utilizador, o que me leva para a página de um perfil em branco. Sem publicações, sem seguidores.

— Um bocado suspeito — murmura o Thomas.

Mesmo assim, acedo à parte das mensagens privadas, sentindo, pela primeira vez em vários meses, a sensação de que tenho um objetivo.

E escrevo uma mensagem para o alegado neto do Paul.



A Sadie senta-se à minha frente, entregando-me a salada que pediu enquanto eu escolhia uma mesa na parte de fora do restaurante. Acima de nós, o sol do meio-dia aparece pálido no esplêndido céu da primavera.

Tiro a tampa do recipiente com um suspiro feliz.

— És um anjo, Sadie Choi. Já te transferi o dinheiro.

Mencionar o seu nome completo assim, de uma forma carinhosa, não providenciou a distração que eu esperava. Ela franze o sobrolho.

— O que é que já te disse sobre as tuas táticas furtivas de pagamento? Para de me transferir o dinheiro de coisas que quero ser eu a pagar.

Espeto o garfo num pedaço de alface e de frango, as minhas bochechas ficando coradas.

— Não posso ficar com o facto de me pagares uma salada cara por pena a pesar-me na consciência, está bem?

Apesar de ela estar a usar óculos de sol brancos com formato de corações, sei que os seus olhos castanhos são meigos por trás das lentes.

— Não existe pena entre melhores amigas. Eu adoro mimar-te e fui eu que te convidei hoje, porque estava à espera de boas notícias relativamente à tua entrevista. Portanto, só para que saibas, vou recusar a tua transferência.

— Só para que *tu* saibas, a entrevista foi um fracasso. — Mostro-lhe um sorriso descontraído que esconde o meu pânico. Sentada naquela abafada sala de reuniões enquanto o gerente listava tarefas tão aborrecidas que até a minha alma esmorecia, perguntei-me pela milésima vez por que raio não conseguia descobrir como é que se faz para se ter sucesso na vida adulta.

A Sadie coloca uma madeixa de cabelo liso e escuro que lhe dá pelo queixo atrás da sua orelha muito ornamentada.

— Mais uma razão para eu te mimar.

— Se me queres mimar, dá-me quantidades exorbitantes de álcool.

A sua resposta é interrompida pelo toque do meu telemóvel. Olho para baixo, inspirando profundamente, e a antecipação corre-me nas veias. É a notificação de uma mensagem no TikTok.

— Salva pelo gongo?

— Exatamente.

Depois de vários dias à conversa com quem confirmei ser o neto do Paul, cada notificação traz consigo uma reação de pânico. Além de trocar mensagens, ele também enviou várias fotografias de um homem que corresponde ao Paul das fotografias da avó.

Ontem, perguntei-lhe se o Paul estaria disposto a falar comigo. Quase me acobardei e o silêncio que se seguiu fez-me questionar a minha ousadia. Apesar de não considerar o neto do Paul um contacto muito prolífico — as suas respostas são curtas e sem personalidade, parece um robô —, ele responde rapidamente.

Até agora. Deixou a minha pergunta sem resposta durante vinte e seis horas. Quase tenho medo de abrir a sua mensagem.

— Recompõe-te, Noelle — murmuro enquanto o Thomas se junta a nós, um saco de plástico a balançar-lhe na mão. A Sadie e ele trabalham no centro de São Francisco, ainda que o Thomas trabalhe de casa dois dias por semana. Quando eu vivia e trabalhava na cidade, costumávamos almoçar ou ir à *happy hour* juntos frequentemente.

O Thomas senta-se numa cadeira, afastando o cabelo da testa. É uma causa perdida; é espesso e está a ficar longo como o dos surfistas, então a gravidade puxa-o sempre de volta.

— Olá, malta. Este almoço é oficialmente a melhor parte do meu dia graças a ti. — Ele mostra um sorriso radiante à Sadie e depois vira-se para mim. — E tu também estás aqui.

Reviro os olhos. Tecnicamente, a Sadie era do Thomas primeiro. Eles conheceram-se na universidade e apaixonaram-se imediatamente um pelo outro. Mas assim que eu e ela nos conhecemos, ficou claro que nós é que estávamos destinadas a estar juntas. Eu e o Thomas passámos os últimos cinco anos a competir pela atenção da Sadie. Estou confiante de que estou a perder, mas isso não me impede de continuar a tentar, nem que seja apenas para irritar o meu irmão.

Depois de se inclinar para aceitar o beijo do Thomas, a atenção da Sadie volta a mim. Ela brande o garfo em direção ao meu telemóvel.

— Abre a mensagem!

O Thomas remexe no saco de plástico, pegando numa sanduíche e num pacote de batatas.

— Que mensagem?

— O neto do Paul respondeu-lhe.

— O Teddy? — Não sei como, mas já tem a boca cheia de batatas, que voam desagradavelmente quando fala.

A Sadie levanta as sobrancelhas.

— Teddy?

Contei a história toda à Sadie e enviei-lhe as novidades por mensagem à medida que aconteciam, mas apenas descobri o nome dele ontem. Saber o nome dele, saber que estava mais perto de descobrir um novo segredo da avó, deixou-me emocionalmente alterada.

Por isso, pus-me a andar, literalmente. É o que faço quando a dor ameaça pôr a mão à volta do meu pescoço e sufocar-me. Escolho um dos trilhos que mais me lembra dela, um dos que percorremos juntas sistematicamente, e caminho até à exaustão. Depois, choro o que tenho a chorar no topo para não correr o risco de o meu pai me ver. Ver os seus olhos encherem-se de tristeza e empatia pelos meus tornou-se insuportável rapidamente. Caminhadas de várias horas dão-me refúgio e sanidade.

Depois de regressar da caminhada de seis horas no monte Tamalpais, caí na cama, incrivelmente exausta, e esqueci-me de atualizar a Sadie.

Ainda assim, é importante para ela saber todos os detalhes. Tem estado obcecada com esta história desde que lha contei.

O Thomas responde antes de eu ter oportunidade de o fazer.

— É esse o nome dele, supostamente. Pode ser mentira. A Noelle deu-lhe um nome falso.

— Não dei nada! — Já me arrependi de ter contado tudo isto ao meu irmão. — Eu disse-lhe que me chamava Elle. É meio verdade.

— Teddy é nome de bebés gordinhos e velhotes baixinhos — diz o Thomas. — Se este tipo é neto do Paul, provavelmente tem a nossa idade. Deu-te um nome falso de certeza.

A Sadie põe a mão sobre o braço do Thomas para o acalmar.

— Abre a mensagem.

Semicerro os olhos em direção ao Thomas quando ele solta um suspiro trocista e, depois, abro a aplicação.

A mensagem de ontem está ali:

Fico feliz por saber que o Paul viu e gostou do vídeo. É muito importante para mim. Disseste que ele estaria disposto a

falar comigo? Eu gostaria muito de falar com ele com a maior brevidade possível. Estou na zona da Baía de São Francisco, não sei ao certo onde vocês se encontram. Podemos falar ao telemóvel ou por videochamada, como ele preferir.

E, por baixo, a resposta do Teddy:

Também estamos na zona da Baía. O meu avô gostava de te conhecer pessoalmente. Estás disposta/disponível para marcar um encontro na cidade? Caso estejas, diz-me os horários que te são convenientes.

— Oh, meu Deus.

Só me apercebo de que gritei quando todas as pessoas nas mesas à volta nos fitam.

— O quê? — A Sadie grita de volta.

— Eles vivem aqui. Quero dizer, o Paul vive, não quero saber do neto. — Assoberbada, pouso o telemóvel na mesa, virado para baixo. — Ele quer encontrar-se comigo.

— Tens de ir. — A Sadie inclina-se para a frente. Ao lado dos ombros de nadador do Thomas, ela parece minúscula, mas o seu entusiasmo fá-la parecer mais alta do que é, com apenas um metro e meio.

— Isto é um plano para te assassinar — afirma o Thomas com tanta assertividade como desinteresse.

— Por outro lado... — A Sadie aponta-lhe um dedo à cara. — Ela pode encontrar o amor da vida dela.

— O *Paul*?

— O neto. — Irritada, inclina-se para trás. — Vá lá, meu. Não prestaste atenção a nenhuma das comédias românticas que já vimos?

O Thomas olha-a com perplexidade, os seus olhos viram-se para mim e, de novo, para ela.

— A sério que me estás a fazer essa pergunta?



A Sadie fica corada e eu atiro um guardanapo enrolado à cabeça do meu irmão.

— Isso é nojento, vá lá.

Eles começam a discutir carinhosamente e eu desvio a minha atenção.

Sinto um nó no estômago quando releio a troca de mensagens. O Paul quer conhecer-me. Isto é precisamente o resultado que eu esperava, embora tivesse algumas dúvidas em relação a isso. É como jogar na lotaria uma vez e ganhar o *jackpot*: parece impossível, mas jogamos porque sabemos que existe essa possibilidade, certo?

— Vou dizer que sim. Vou encontrar-me com o Paul.

Quando nenhum deles responde, levanto os olhos do telemóvel. A Sadie tapa a boca, o seu sorriso animado espreitando por trás da mão carregada de anéis. O Thomas observa-me de forma duvidosa.

O meu polegar voa pelo ecrã do telemóvel ao responder:

O mundo é mesmo pequeno! Teria todo o gosto em conhecer o Paul. Estou disponível...

Pauso, mordiscando o lábio. Estou sempre disponível, mas isso parece patético, por isso, penso em três horários aleatórios.

... esta sexta-feira às 10 horas, domingo às 14 ou segunda-feira às 10. Por favor, diz-me qual é o melhor sítio para nos encontrarmos.

Mantenho-me atenta ao telemóvel durante os vinte minutos seguintes. A Sadie e o Thomas continuam a conversa, mas eu calo-me quando recebo uma notificação.

Sexta às 10 horas. Encontramos-te na esplanada do Reveille Coffee, na Columbus Avenue.

— Vai ser na sexta-feira. — Solto um longo suspiro, o coração acelerado. — E parece que o Teddy também vai lá estar.

A Sadie sucumbe contra a cadeira.

— O que eu não dava para poder ir contigo.

— Eu até ia, mas vou estar a trabalhar. — Claramente desiludido, o Thomas passa a mão pelo queixo áspero. — Mantém-te sempre perto de pessoas, está bem?

Eu bato-lhe continência antes de os meus olhos voltarem à mensagem do Teddy.

Consigo ouvir a minha avó a sussurrar-me: «Conta-me um segredo.» O meu coração contorce-se com a memória.

Pisco os olhos para o céu, perguntando-me onde ela estará.

*Alguém me vai contar um dos teus.*

---

A semana avança a passo de caracol. A minha mãe convence-me a experimentar o Peloton e eu aguento uma aula de trinta minutos. Depois, passo as três horas seguintes a debater se devo ir ao hospital.

Também tento desanimadamente procurar emprego. Os trabalhos para os quais sou qualificada não são propriamente apelativos e nem me atrevo a olhar na direção de vagas que tenham que ver com fotografia. Não estou a pagar renda, mas contribuo para as despesas da casa e, sem um ordenado, as minhas míseras poupanças estão a desaparecer. Tenho uma pequena herança da avó na conta-poupança, mas ela estipulou no testamento que eu apenas posso gastar esse dinheiro em algo que me inspire. Escusado será dizer que ainda não lhe toquei.

Algo em que também não toquei: a minha câmara. Observa-me sinistramente do topo da cómoda. Não lhe pego há seis meses.

Preciso de *fazer* alguma coisa, mas estou paralisada pela minha indecisão e medo, e está a começar a afetar-me.

Na quinta-feira à noite, o Thomas aparece para jantar e ficamos à mesa no quintal até muito depois de os nossos pais voltarem para dentro, a conversar sobre possíveis desfechos para o dia seguinte. Eu levanto-me com um suspiro quando a conversa esmorece, o ardor nos olhos alertando-me de que está na hora de ir dormir.

— Ouve — diz o Thomas —, não cries demasiadas expectativas, está bem?

Paro a meio de me espreguiçar.

— O que queres dizer com isso?

— Eu sei que tens saudades da avó. — O seu tom é cauteloso. Ele também ficou devastado quando ela morreu, mas a nossa dor é diferente e ele sabe-o. — Não esperes que fazer isto acabe com elas.

— Eu sei. — O meu tom é defensivo, mas ele não o menciona.

Ele passa a mão pelo cabelo com um suspiro.

— Depois diz-me como correu, está bem? Liga-nos.

— Está bem — respondo, ainda irritada pela sua observação minuciosa. — Boa noite.

Deve ter ficado rabugento com a seriedade da nossa conversa: na sexta-feira de manhã, acordo com a fotografia do Theo na *Forbes*, encostada à almofada, a olhar para mim.

*Bah. Insuportável*, diz o lado racional do meu cérebro. *Sim, por favor*, riposta o lado mais primitivo.

É esse pensamento irritante que tenho na cabeça enquanto me visto. Tranco a porta da casa silenciosamente e conduzo até à cidade, o meu monólogo interior num turbilhão tão rápido e barulhento que soa a ruído estático a tocar no volume máximo.

A minha mente só se acalma quando estaciono e começo a percorrer a Columbus Avenue, no coração de North Beach. É um interruptor que se desliga assim que Reveille aparece no campo de visão, o edifício de tijolo preto cada vez mais perto.

Provavelmente, devia pedir o café primeiro, tirar uns minutos para me recompor, mas as minhas mãos tremem dentro dos bolsos

do casaco de ganga. A cafeína só me iria atirar para a estratosfera. Talvez esta ansiedade antecipatória diminua quando eu vir o Paul.

Quando entro no café, pergunto-me se as mãos da avó terão tremido quando o conheceu ou quando se apercebeu de que estava apaixonada por ele. Quando lhe disse adeus. Se alguma vez sentiu que ia sufocar de ansiedade.

À medida que viro a esquina em direção à esplanada, a minha mente salta de pensamento em pensamento tão rapidamente que quase não reparo neles. Mas não tenho dúvidas de que é o Paul que está sentado na mesa do fundo, o seu cabelo branco e as mãos manchadas pela idade à volta de uma caneca de café. O seu olhar desvia-se da pessoa sentada à sua frente, com quem está a falar, a pessoa de ombros largos e cabelo escuro que está de costas para mim. Os seus olhos passam pelos meus e depois voltam para trás. Arregalam-se.

O meu coração parece congelar, assim como as minhas pernas. Levanto a mão timidamente, surpreendida pelo seu espanto, mas a minha atenção é puxada para o homem sentado à sua frente.

Os ombros que se estendem pelas suas largas costas endireitam-se, e o neto do Paul vira-se, com a mão agarrada às costas da cadeira de metal turquesa.

E aí sim, o meu coração congela mesmo. A olhar de volta para mim está o lindo e enfurecedor Theo Spencer, da página central da revista *Forbes*.

# UMA VIAGEM INESQUECÍVEL... COM A COMPANHIA MENOS DESEJADA!

Depois da morte da avó, Noelle encontra fotografias antigas daquela que era a sua grande amiga e confidente com um rapaz que ela não reconhece. Decidida a investigar aquela aparente ligação amorosa de que nunca ouvira falar, faz uma publicação no TikTok que se torna viral... e não tarda a receber respostas.

É assim que consegue encontrar Paul, o misterioso antigo amor da sua avó, que se oferece não só para partilhar com ela as suas memórias, mas também para a acompanhar na viagem de carro que em tempos fora planeada como lua de mel. Para Noelle, esta será uma oportunidade perfeita para estabelecer uma última ligação com a memória da avó e fazer o seu luto. Para Paul, uma emotiva viagem ao passado.

Mas Noelle e Paul não serão os únicos a embarcar nesta aventura. Theo, neto de Paul e grande rival de Noelle desde os tempos da escola secundária, também decide juntar-se a eles, tornando toda a experiência muito mais tensa.

Serão eles capazes de sobreviver a este convívio forçado de duas semanas?



**BESTSELLER DO USA TODAY**

**SELEÇÃO DA AMAZON PARA MELHOR ROMANCE**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897879142



9 789897 879142 >